



INSPECTORES DE ENSINO: NARRATIVAS OFICIAIS SOBRE AS ESCOLAS ISOLADAS DE SÃO PAULO

Adilson Ednei Felipe¹
Claudia Panizzolo²

RESUMO

A produção dos *Annuários do Ensino do Estado de São Paulo*, iniciada em 1908, compõe parte do processo da organização burocrática da educação, visando racionalizar e analisar a expansão e a qualidade da instrução no estado de São Paulo. Os apontamentos, relatos e considerações eram realizados pelos Inspectores de ensino, responsáveis pela fiscalização das unidades escolares. O tema aqui proposto está situado em um contexto de modernização do ensino, no qual estes inspetores se encontram em meio à exaltação dos grupos escolares, símbolos da modernidade e funcionalidade educacional, e a depreciação das escolas isoladas, representantes de um passado ineficiente e fadadas ao desaparecimento. O objetivo deste estudo, foi analisar ponderações favoráveis às escolas isoladas, no sentido de justificar suas deficiências, apontando fatores externos às causas dos problemas apresentados. As fontes utilizadas foram os *Annuários do Ensino do Estado de São Paulo*. Os procedimentos de pesquisa envolvem a análise dos argumentos dos inspetores, identificando aqueles que são, direta ou indiretamente, favoráveis às escolas isoladas. As categorias de análise utilizadas são classe, no sentido de identificação entre indivíduos que compartilham elementos comuns em sua trajetória e cotidiano, elaborado pelo historiador E. P. Thompson (2012) e discurso, no sentido proposto pelo filósofo Michel Foucault (1996), partindo da relação entre o discurso e poder. Os resultados das análises demonstraram que o reconhecimento das precariedades das escolas isoladas, que se mostram incapazes de atender os requisitos de fornecimento de um ambiente e metodologias adequados à aprendizagem dos infantes, não impede o reconhecimento dos esforços empreendidos por docentes e discentes no cumprimento cotidiano de suas atividades, tampouco a responsabilidade do estado na promoção das devidas condições.

Palavras-chave: São Paulo, Escolas Isoladas, Inspetores, Anuários, Discurso.

¹ Doutorando pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Campus Guarulhos. E-mail: a.felipe@unifesp.br.

² Professor orientador: Profa. Dra. Claudia Panizzolo, docente no PPGE na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Campus Guarulhos. E-mail: claudia.panizzolo@unifesp.br.

INTRODUÇÃO

As escolas isoladas podem ser entendidas, basicamente, como unidades de ensino compostas por uma sala, com grupo de alunos de idade e estágios de aprendizagem heterogêneos. No anuário de 1907, consta uma definição comparativa realizada por Oscar Thompson, que pode nos elucidar melhor acerca das características que podem identificar uma escola isolada. Segundo Thompson

As escolas publicas regidas por um professor, têm entre nós, a denominação commum de escolas isoladas. Não são escolas graduadas como os grupos escolares, onde ha perfeita divisão de trabalho e a dosagem do ensino é realizadade accordo com a idade e o desenvolvimento do alumno. São escolas que recebem alumnos de idade e adeantamento diversos, para serem educados todos pelo mesmo professor. (SÃO PAULO, 1908, Oscar Thompson, p. 24)

A definição realizada por Thompson, é um delinear comparativo, em contraposição ao grupo escolar, que era, então, considerado o modelo ideal. No entanto, as escolas isoladas, quer fossem ou não o modelo de escola desejado por inspetores e demais sujeitos, eram escolas responsáveis pelo atendimento de grande número de crianças em idade escolar e adultos. Muitos dos quais, filhos e filhas dos imigrantes que se instalavam na cidade de São Paulo, formando suas colônias, ocupando bairros.

A cidade de São Paulo, em finais do século XIX e início do XX, se desenvolvia, tomava espaços, e na perspectiva de autores da época como Artur de Barros Alves Dias, a cidade, era dotada de uma vitalidade expansionista que se estendia, estabelecendo ramificações e assentando raízes (bairros, secretarias, fábricas, ruas, avenidas, etc.), assinalando em sua nova arquitetura, sua emancipação dos ditames coloniais e não deixava de ressaltar as edificações consagradas à instrução pública (PASSOS; EMÍDIO, 2009). Ao ufanar-se da capital, o autor não cita os bairros mais distantes, nem os menos assistidos, e claro, nem as escolas isoladas, atendo-se aos edifícios grandiosos. No entanto, as movimentações vívidas incorriam na busca do estabelecimento dos grupos sociais diversos, e no atendimento de suas necessidades, e dentre elas, a escola.

Tratando, especificamente, das escolas isoladas em São Paulo, o intento aqui estabelecido, foi o de apreender como as escolas isoladas eram vistas pelos inspetores de ensino, por meio de suas publicações nos anuários de ensino. Neste sentido, a organização das discussões, contou com excertos de comentários dos inspetores, com perspectivas positivadas e/ou negativadas acerca do papel destas escolas e do cumprimento desta função social



educativa. Tal apreensão remete, tanto às condições materiais, quanto às condições ideológicas que marcavam o contexto histórico em que existiam as escolas, e os sujeitos relacionados a elas e às atividades e projeções educacionais.

METODOLOGIA

Os procedimentos de pesquisa e análise foram desenvolvidos considerando fontes impressas – Anuários do Ensino do Estado de São Paulo, disponíveis no Arquivo do Estado de São Paulo.

Os *Anuários do Ensino do Estado São Paulo* são o material que compõe importante, e principal, fonte a ser verificada e analisada. Entende-se que se trata de uma fonte escrita oficial, advinda dos registros elaborados por representantes do governo do estado de São Paulo, os inspetores de ensino, no cumprimento de suas funções. Este material encontra-se disponível no acervo digital do Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP). Fontes documentais escritas requerem cuidados específicos, desde o manuseio até a sua análise. Bacellar (2005) tece considerações que elucidam alguns pontos fundamentais sobre as precauções no lidar com documentos escritos disponíveis nos arquivos, em seu artigo *Uso e Mau Uso dos Arquivos*, em que menciona cuidados necessários como o uso de luvas e máscaras e a cautela para não tirar da ordem em que se encontram os documentos e algumas menções acerca do ambiente dos arquivos. No que tange à análise dos documentos, o autor menciona a necessária contextualização do documento em sua produção e algumas questões fundamentais neste sentido. Segundo o autor

Ao iniciar a pesquisa documental, já dissemos, já dissemos que é preciso conhecer a fundo, ou pelo menos da melhor maneira possível, a história daquela peça documental que se tem em mãos. Sob quais condições aquele documento foi redigido? Com que propósito? Por quem? Essas perguntas são básicas e primárias na pesquisa documental, mas surpreende que muitos ainda deixem de lado tais preocupações. Contextualizar o documento que se coleta é fundamental para o ofício do historiador! (BACELLAR, 2005, p. 63).

O autor afirma ainda, em suas considerações, que há a necessidade de analisar os documentos escritos com prudência, pois deve-se avaliar que, em sua confecção, permearam intenções que direcionaram a escrita, lembrando que “Documento algum é neutro, e sempre carrega consigo a opinião da pessoa e/ou do órgão que o escreveu” (BACELLAR, 2005, p. 63). As observações de Bacellar (2005) são alicerçadas por outros autores. Farge (2009), por

exemplo, ressalta que o arquivo possui um “excesso de sentido” para aquele que lê e percebe a beleza das vozes a serem levantadas por dentro os documentos e menciona diferenças entre os relatórios do século XVIII e os medievais, demonstrando, em poucas palavras, como o contexto de produção influencia na confecção, inclusive de organização e aspectos visuais, dos documentos (FARGE, 2009). No caso deste estudo, são as vozes dos inspetores de ensino³.

REFERENCIAL TEÓRICO

O aporte teórico fundamental está alicerçado em duas perspectivas: a identificação de classe e o lugar de discurso.

A categoria analítica *classe*, é tomada como o processo constitutivo de elementos que, encadeados, compõem uma identificação entre sujeitos que compartilham características comuns às suas realidades cotidianas, segundo os preceitos de Edward Palmer Thompson, que afirma que “a classe é definida pelos homens enquanto vivem sua própria história e, ao final, essa é sua única definição” (THOMPSON, 2011, p. 12).

A categoria de análise *discurso*, recorre a um embasamento em dois autores: Foucault, principalmente, e Bourdieu, não como secundário, pois sua relevância é indiscutível, mas como um entrelace complementar. Haja visto que enquanto Foucault, coloca em pauta a percepção dos lugares de fala, instituídos historicamente, e ressalta as relações de poder que estão incutidas no discurso e das quais os sujeitos querem se apropriar (FOUCAULT, 1996), Bourdieu interpreta as codificações do discurso, como destinadas a sujeitos de um mesmo grupo (BOURDIEU, 2008).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos *Anuários do Ensino do Estado de São Paulo*, constam apontamentos dos inspetores sobre as escolas isoladas, bem como quadros informativos sobre os docentes que atuam nestas escolas, lembrando que cada escola possui apenas um mestre à frente da instituição, assim como os endereços dos imóveis em que estão instalados. Desta forma, os relatórios dos inspetores apresentam localizações, público, condições de trabalho, condições dos imóveis nos quais estão instaladas as escolas e, ainda, o aporte discursivo que indica tanto

³ Os inspetores de ensino cumpriam o papel dos atuais supervisores de ensino. Servidores encarregados de visitar as escolas, observar, avaliar e orientar os trabalhos de organização administrativa e pedagógica e confeccionando relatórios sobre as unidades escolares.

a visão educacional preponderante, quanto às contrariedades vislumbradas entre os ideais republicanos sobre a educação e a realidade que se impõe.

Sobre as escolas isoladas, os comentários preponderantes são aqueles voltados à depreciação destas escolas, apontadas, via de regra, como unidades de ensino de caráter transitório, destinadas a ser, faticamente, substituídas pelos grupos escolares (JESUS, 2018), pois estes representam não apenas o ideal educacional mais moderno presente à época, mas se estabeleciam em monumentalidades arquitetônicas, se destacando na paisagem urbana, e se consolidando como espaço, e, mais ainda, criavam uma identidade, como lugares que seriam identificados, inegavelmente, como estabelecimentos de ensino (SOUZA, 1998).

Personagens como o inspetor José Monteiro Bôanova, confirmam a visão sobre a transitoriedade destas escolas, afirmando mesmo que “deve ser, e o é realmente, uma instituição transitoria. Ella tende a desaparecer dos centros populosos, pelo menos, absorvida pelos grupos escolares” (SÃO PAULO, 1911, p. 50), acompanhado em tal perspectiva pelo inspetor Moysés Tora de Macedo que, para além de coadunar com a afirmação do inspetor Bôanova, argumentando que “nas escolas isoladas, a antinomia é completa” (SÃO PAULO, 1911, p. 70).

Notas sobre as más condições materiais das instalações proliferam nos relatórios, indicando, inclusive o comprometimento de outro elemento tomado como de fundamental importância à época: a higiene. O inspetor Miguel Carneiro Junior afirma, em 1908, que “Em regra geral, as escolas isoladas do Estado funcionam mal installadas, em salas acanhadas, sem luz e sem cubagem sufficiente de ar”, enquanto o inspetor João F. Pinto e Silva, em 1910 relata a continuidade da situação apontada pelo colega apontando que

Funcionam estas escolas em salas improprias, que não satisfazem de modo algum aos preceitos da hygiene escolar: o espaço, a luz, o ar, o asseio, tudo nellas deixa a desejar. Verifiquei, entretanto, que a causa desse mal, nem sempre é determinada pela falta de salas que offereçam melhores condições hygienicas; ella provém, principalmente, de não poder o professor desviar dos seus vencimentos a quantia necessaria para os alugueis de boas salas. Seria, pois, conveniente que, nas localidades onde houvesse boas salas de aluguel, os professores recebessem um auxilio para esse fim. (SÃO PAULO. 1910-1911, p. 38).

Os aspectos físicos das escolas com um único mestre são descritos pelos inspetores como desanimadores. Entretanto neste último excerto, ao tratar do tema, o inspetor fornece uma informação relevante à qual cabe reter alguma atenção. Os vencimentos destinados aos docentes são, segundo o inspetor, insuficientes para a manutenção dos mesmos, de suas famílias e a obtenção de salas adequadas para o exercício de suas funções docentes. Além disso, não se deve olvidar que as instalações também influenciavam a aprendizagem e a percepção social do

espaço destinado a isso, havendo ainda o agravante de se encontrarem dispersas, dificultando a fiscalização do trabalho dos professores.

O reconhecimento das dificuldades pecuniárias do professorado, assim como o caráter provisório de uma escola, que ao contrário se ampliava em números, eram indicativos de olhares outros que se apresentavam, tanto devido à identificação dos inspetores com seus colegas de classe, tendo em vista que os inspetores, em grande número, haviam sido professores de escolas isoladas, quanto devido à relevância, que não conseguia ser suplantada pela idealização de grupos escolares que não eram capazes de atender à população em idade escolar em sua totalidade. Assim sendo, se por um lado, os ideais educacionais da época impunham a necessária extinção das escolas isoladas, por estas não corresponderem às expectativas dos olhares direcionados à modernidade que clamava pelos grupos escolares, por outro, se via obrigado a admitir a inexistência de suporte adequado, por parte do poder público, para a devida instalação e cumprimento das atividades pedagógicas nestas escolas, assim como a sua importância, mesmo em condições precárias, para a disseminação do ensino primário nas diversas regiões, da cidade e do estado de São Paulo.

Sobre o aspecto da sua importância na disseminação do ensino primário, Oriani (2005), ressalta que em suas pesquisas pôde “constatar a função significativa que elas desempenharam como auxiliares aos grupos escolares na propagação da escolarização para as crianças” (ORIANI, 2005, p. 19). No *Anuário do Ensino no Estado de São Paulo* de 1918, Oscar Thompson comenta sobre a possibilidade de intensificar o desempenho das escolas isoladas, afirmando mesmo que

A mobilização dessas escolas, pelo plano que apresentamos em outro lugar deste Anuário, vae transformá-las, completamente. Ellas deixarão ser elementos auxiliares, secundários de nosso aparelho escolar, para se constituírem, cheias de vida nova, os principaes factores da alfabetização da grande massa de crianças, que permanecem analfabetas em todos os municípios (SÃO PAULO, 1918, p. 11)

Os argumentos de Oriani (2005) e Thompson (1918), remetem a um parecer bastante prosaico, seja no começo do século XX, ou no começo do século XXI: considerar que as escolas isoladas exerciam um papel secundário em relação aos grupos escolares. Tal afirmação não está isenta de sentido. No entanto, situar estas escolas e seus professores em uma segunda instância de atividades significaria, pleitear uma relação hierárquica a favor dos grupos escolares. Vale ressaltar que as escolas isoladas, apesar da perspectiva da transitoriedade, não atuavam, necessariamente, como auxiliares dos grupos escolares; tampouco pareciam constituir uma continuidade destas instituições. Em determinados períodos, as escolas isoladas representaram



o maior número de matrículas e, não bastasse, mais de uma escola apresentou bons resultados repetidamente. As escolas isoladas possuíam limitações, que não eram poucas, e formulações cotidianas diferenciadas, pois se por um lado não contavam com um arsenal de atrativos arquitetônicos, didáticos e organizacionais, por outro, se alicerçavam no carisma e do trabalho do docente, visto que este era a própria escola.

Em prol do entendimento das escolas isoladas como elemento crucial do organismo educacional, na propagação do ensino primário, mais de um comentário realizado pelos inspetores de ensino, pode ser citado. O inspetor de ensino José Carneiro Junior, expõe em seu relatório no *Anuário do Ensino do Estado de São Paulo* de 1908, que designar um programa de ensino mais adequando às condições das escolas isoladas, lhes permitiria “preencher seu destino de escolas populares” (SÃO PAULO, 1909, p. 66). Em concordância com o relevo dado às escolas isoladas, o inspetor de ensino René Barreto argumenta, ainda, que

O estado actual das escolas isoladas continua a ser muito precário. *Cellula mater* de toda a educação popular e base actual de nossas instituições de ensino ellas deveriam merecer uma atenção toda especial das autoridades governativas, de modo a que dessem o que podem dar, principalmente nos centros menos populosos e nas regiões rurais: - uma sólida e educativa instrução preliminar (SÃO PAULO, 1909, p. 81).

As declarações dos inspetores demonstram que as escolas isoladas, nem sempre, eram vistas como um mal a ser combatido, mas que, ao contrário disso, eram componentes vitais no desenvolvimento educacional da população, chegando mesmo a representar o que haveria de mais significativo ao se tratar de instituições populares de ensino. Diante destas argumentações e outras semelhantes, ocorre, por exemplo, uma nova definição de programa de ensino, é efetivada em 1911, quando da aprovação do Decreto 2005 de 13 de fevereiro, estabelecendo um programa especificamente elaborado para ser ministrado apenas nas escolas isoladas. O programa não é diminuto, mas as orientações estão vinculadas às ideias de simplificação de conteúdos, como no caso do ensino de História Nacional, no qual “O programma contém apenas os grandes factos de nessa historia de preferencia aquelles que mais directamente têm cooperado para a civilização nacional. São quadros syntheticos do trabalho actual e das gerações passadas para o engrandecimento do Brazil” (SÃO PAULO, 1911). O Decreto especifica, ainda, como reforço à noção de que os estudos precisam ser simplificados ao máximo, afirmando que “Será evitada a sobrecarga das minuncias chronologicas e a profusão de nomes” (SÃO PAULO, 1911), se mostrando incisivo na determinação em ensinar apenas conhecimentos básicos.



As adaptações solicitadas, sendo estas atendidas ou não, permitem o entendimento de que as escolas isoladas eram consideradas não apenas necessárias, mas de suma importância para a educação. Isto, diferentemente do que estava posto pelas projeções educacionais do período que determinavam a instalação dos grupos e o, conseqüente, desaparecimento das escolas isoladas. Tal entendimento, propiciava, por vezes, consideração entusiásticas a respeito destas escolas, promovendo mesmo, o desenvolvimento de projetos para seu melhor aproveitamento.

O entusiasmo de Thompson, por exemplo, merece ser apresentado, como uma valorização não apenas da escola isolada, mas a crença na educação como o caminho para o desenvolvimento das pessoas e, conseqüentemente, da sociedade. Thompson, assim conclui o parágrafo

Sob este aspecto, seu papel vai ser preponderante no Estado e sua influência muito mais pronunciada que a dos grupos escolares. Os professores que as regem – estamos certos –, irão constituir, dentro em breve, uma notável corporação que resolverá o grande e nobre problema da extinção do analfabetismo e da disseminação do ensino primário (Ibidem)

O entusiasmo de Oscar Thompson, não representa uma exceção. *Le Spirit du Temps* continha essa crença no desenvolvimento, nas melhoras advindas da consolidação republicana por meio da educação. Mais que isso, a educação popular, a sociedade como um todo inserida e usufruindo desse desenvolvimento, era o que ansiava, ao menos nos discursos, os envolvidos de forma geral. Daí o espalhar unidades pelas regiões da capital, em que estavam ou não, instalados grupos escolares, visando a formação das novas almas úteis, civilizadas e patrióticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os inspetores de ensino apresentaram em seus relatórios, muitas considerações sobre a precariedade das escolas isoladas. Sobejam apontamentos sobre a sua ineficiência, sobre as péssimas condições materiais, e até mesmo sobre o despreparo de seus professores. No entanto, suas argumentações também fluem no sentido de apreciação destas escolas e da compreensão do papel desempenhado, mesmo diante de suas múltiplas dificuldades, e a desempenhar, caso sejam devidamente providas das condições necessárias ao seu bom funcionamento, na educação popular.



Entendendo que os inspetores eram sujeitos históricos que representavam os interesses do estado de São Paulo à época, suas declarações adquiriam um relevo diferenciado, pois eram considerações tecidas por especialistas, assumindo lugar privilegiado, capaz de condicionar suas palavras à condição de verdade, bem como era direcionada a personagens específicas, ou seja, eram escritas para os seus pares, pessoas capazes de decifrar os dizeres e dar-lhes o sentido proposto. Assim, esta relação dicotômica entre a depreciação e apreciação das escolas isoladas, permite a apreensão de que, embora se propagasse a sua necessária eliminação, a perspectiva dos inspetores vagava entre a assimilação de um ideal em termos de instituição educacional, e o entendimento, e mesmo a admiração por seus colegas professores atuando em tais escolas mesmo quando diante da, quase, completa falta de recursos. Em outras palavras, mesmo em um contexto em que se proliferavam os discursos sobre uma modernidade na qual as escolas isoladas não se inseriam, estas apresentavam, ainda, inegável importância na alfabetização da população paulista em finais do século XIX e início do XX.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos contínuos à Profa. Dra. Claudia Panizzolo e aos colegas, todos muito especiais, do Gepich. Agradecimentos aos amigos Marcia Colber, Priscila Neves, Adriana Santiago, Alessandra Paulino, Ana Patrocínio, Luciane Galvão, entre outros amigos e amigas que tem lido meus textos e realizado apontamentos tão importantes. Agradecimentos, certamente, aos organizadores do evento e a todos os envolvidos direta ou indiretamente.

REFERÊNCIAS

BACELLAR, C. **Uso e Mau Uso dos Arquivos**. In: PINSKY, C. B. (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

BOURDIEU, P. **A Economia das Trocas Linguísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: Edusp, 2008.

CHARTIER, R. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

FARGE, A. **O Sabor do Arquivo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2009.



FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France**, pronunciada em 02 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 1996.

JESUS, A. do C. de. **Os Bastidores da Educação Primária: criação e expansão das escolas isoladas rurais em municípios do interior paulista (1889-1921)**. (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2018.

ORIANI, A. P. "**A Célula Viva do Bom Aparelho escolar: expansão das escolas isoladas pelo estado de São Paulo (1917-1947)**". (Doutorado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2015.

SÃO PAULO. Anuario do Ensino do Estado de São Paulo: publicação organizada pela Inspectoria Geral por ordem do governo do estado (1908-1909). São Paulo: Typ. Siqueira, Saales & C., 1909.

SÃO PAULO. Anuario do Ensino do Estado de São Paulo: publicação organizada pela Inspectoria Geral por ordem do governo do estado (1911-1912). São Paulo: Typ. Augusto Siqueira & C., 1912.

SÃO PAULO. Anuario do Ensino do Estado de São Paulo: publicação organizada pela Inspectoria Geral por ordem do governo do estado (1918). São Paulo: Typ. Augusto Siqueira & C., 1919.

SOUZA, R. F. de. **Templos de Civilização: a implantação da escola primária** Graduada no Estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: UNESP 1998.

THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária Inglesa: a árvore da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.